

Governador destaca Ocidente mágico

«A cultura brasiliense envolve o transcendente, o espiritual, o alternativo, o ecológico. Sugere o encontro oriente-ocidente, na síntese entre as diversas formas de abordagem da realidade: arte, religião, ciência, filosofia e inclusive o pensamento mágico. O pensamento inspirado pelas antigas tradições esotéricas, cujas origens ainda fogem à compreensão acadêmica do nosso tempo e ao compromisso da análise cartesiana.

Nossa herança cultural tem muitas vertentes. Uma delas vem dos pioneiros, de certos cidadãos que, enquanto construíam a expressão material da «civitas» e da «urbs», no silencioso trabalho voluntário, confirmavam Dom Bosco e tantos outros videntes e clarividentes. Eles profetizaram, cada qual em sua linguagem: Brasília, pátria do evangelho; Brasília, capital do III milênio; capital de Aquário; capital da nova raça espiritual planetária; capital da universal e mágica conspiração aquariana. Como escreveu Mabi Isa: «Brasília, cadinho onde o céu e a terra há de se encontrar para que a humanidade desse planeta retorne ao convívio interplanetário do qual um dia se viu circunstancialmente privada».

Esses temas circulam no cotidiano de nossa gente. Gente rica e gente pobre, letrados e iletrados. Transitam por caserões e palácios, ministérios, repartições e faculdades. Estão presentes em casas, apartamentos, sítios e chácaras desse território federativo. As associações, irmandades, fraternidades, centros, núcleos, comunidades e grupos espíritas dão conteúdo de realidade à Brasília mística. Dão vida à Brasília esotérica, tão viva quanto a Brasília afirmada nas expressões econômicas, sócio-culturais e políticas.

A moderna personalidade brasiliense redimensiona até o sentimento religioso. Resgata aspectos que o tempo esmaece e recupera raízes sociológicas. Somos a sede brasileira de um dos movimentos mais avançados do pensamento contemporâneo. Cientistas, filósofos, religiosos, vários deles já agraciados com o Prêmio Nobel, reunidos em março deste ano em Veneza, produziram um documento — A Declaração de Veneza — onde, textualmente, conclamam o mundo moderno a promover um efetivo encontro entre a perspectiva científica ocidental e a realidade do universo

humano. Reconhece como pouco vivida e vivenciada a tradição do Oriente, porque sua identificação está limitada aos instrumentos clássicos da investigação científica convencional. A Declaração de Veneza pretende um encontro urgente entre a nossa visão compartimentada e linear da realidade e uma outra visão, mais do que integrada, integral. E afirma: «Antes que seja tarde!»

Sei que o nosso encontro de hoje vai ter a resistência provinciana e, por isso mesmo, preconceituosa, atrelada a verdades velhas e superadas, que não encontram mais razão de ser. O eminentíssimo físico Fritjof Capra, em seus notáveis livros «O Tao da Física» e «O Ponto de Mutação», bem como a escritora norte-americana Marilyn Ferguson, em seu «A Conspiração Aquariana», revelam o alvorecer de uma nova era. De modo silencioso, intrigante, mágico, vem brotando em milhões de corações, mundo afora, a proposta de uma nova sociedade para um novo homem.

Brasília é a capital desses grupos que, aos trancos e barrancos, incompreendidos, sem recursos e sem espaços, lutam contra as suas próprias limitações. Os preconceitos e a violenta pressão da verdade cultural dominante, porém, não conseguem deter os pioneiros, cidadãos da nova era, que por suas razões se fixaram no Planalto Central. Brasília é ponte para o futuro, ponto de convergência para a irradiação de novo tempo, acima de qualquer conotação político-partidária ou religiosa.

No Chile, nos EUA, na Venezuela, no Canadá, na França, na Inglaterra, na Alemanha e na Índia, existem os alternativos autênticos, assim chamados pela sua luta pacífica por uma alternativa ao suicídio planetário. O modelo de civilização já se coloca, ainda que de forma incipiente, marcada por toda sorte de precariedades e improvisações, na prática de uma comunidade Holística, um centro integral para estudos, pesquisas e experimentos, visando conquistar para as gerações nascentes o novo mundo a que todos aspiramos.

A história do saber humano tem sido marcada pela luta dos contrários, pela tese e a antítese, se quisermos usar a linguagem e o método que já os gregos nos ensinavam. Os dogmas atuaram como freio da ciência. Alguns filósofos medievais, com a teoria da «dupla verdade», contribuiram para

libertar a pesquisa científica da camisa de força dos dogmas. Depois, o racionalismo pretendeu monopolizar a verdade, sobretudo no Ocidente.

A humanidade compreendeu, pela experiência, que, além da razão, existem outros instrumentos superiores de pesquisa e conhecimento, como a fé e a intuição. A razão sente-se impotente para explicar toda uma série de fenômenos.

O comportamento clássico começou uma revolução reflexão crítica em 1964, quando Paulo VI foi à terra santa. Pela primeira vez, desde 1812, um papa saiu da Itália. No ano seguinte o Concílio Vaticano II abordou a questão dos vínculos entre os diferentes ramos da fé, as relações entre a sociedade secular e os crentes, abrindo caminho para o ecumenismo.

Da tese e da antítese, chegava-se à síntese, representada pela comunhão de idéias, pela coexistência pacífica entre religiões e seitas, pelos ensinamentos esotéricos e exoterícos, pela apreciação isenta dos fenômenos normais e paranormais.

Os que hoje tentam enclausurar o pensamento nos estreitos limites do racionalismo, menosprezando ou desprezando as demais formas de abordagem da realidade, são reacionários inimigos da liberdade e do progresso.

E mais que provável, portanto, que a ciência do futuro esteja nas mãos dos novos místicos, dos que abraçaram a luta pelo saudoso encontro entre o Ocidente e o Oriente, a grande síntese antevista e proposta por Pietro Ubaldi e por todas as correntes holísticas, novo nome da espiritualidade para o 3º milênio.

Os senhores foram e são pioneiros de uma nova era. Em Brasília, ao lado de tantos outros não relacionados, são credores do nosso reconhecimento. Porque representam todos os sonhadores e idealistas, companheiros de luta e de esperança. A medalha do mérito Alvorada leva aos senhores o reconhecimento público ao corajoso trabalho que realizam.

O culto ao pioneirismo responde pelas conquistas civilizadoras do passado. Essa comenda serve como estímulo a todos os que lidam com o imponderável, o insólito e o misterioso. Vamos implantar Alvorada — a cidade da paz, certamente a primeira universalidade holística nascida como iniciativa do poder público.